

André Gustavo

Uma cidade jovem cheia de saudades

O aniversário de Brasília é uma data complicada. Recorda Juscelino Kubitschek com seu humor e sua alegria de viver. Completam-se, neste 1986, dez anos de sua morte. Recorda, também, o primeiro aniversário ano do falecimento de Tancredo Neves — o fundador da Nova República, que com paciência, engenho e arte, muita articulação e conversa, derrubou o antigo regime, venceu o candidato oficial e entrou em agonia na véspera de sua posse.

De Brasília muitas histórias já foram contadas. Eu, que cheguei aqui há 26 anos, assisti diversas fases do crescimento da cidade. Lembro como um sonho juvenil o dia da inauguração da cidade. Vi da Praça dos Três Poderes o baile a rigor realizado no Palácio do Planalto. Depois, JK desceu a rampa e juntou-se ao povo. Na memória está registrada cena de uma comoção indiscritível. Nunca mais assisti nada igual. O presidente, sem segurança, era abraçado, sacudido, saudado. Lembro de uma senhora que beijou suas mãos e chorou — tomada por um frêmito, que lhe impedia as palavras e libertava o sentimento. JK chorou.

São memórias de um tempo diferente. O Brasil era mais ingênuo, mais simples, mas alegre. Foi o tempo em que o País ganhou a primeira Copa do Mundo e o tempo da mais completa liberdade política. Época de composição, acordos e uma posição fortíssima. A UDN, em peso era contra a mudança da capital. E uma UDN onde pontificava nada mais nada menos que Carlos Lacerda. Os anos JK são anos bonitos por essa singeleza. Nunca mais o País foi o mesmo, porque o presidente mudou — foi uma Nova República da época. O País descobriu o seu interior, revelou a si próprio uma capacidade empresarial até então desconhecida e começou a construir automóveis, abrir estradas e asfaltá-las. Eu vim do Rio a Brasília de automóvel as vésperas do 21 de abril de 1960 descobrindo um novo País, numa viagem gravada na memória no capítulo das revelações e das saudades.

Foi nesse País que se revelaram artistas, intelectuais e políticos de enorme capacidade. Essa foi a época em que governo e sociedade andavam no mesmo ritmo, com a mesma sintonia. Foi quando explodiu a nova música popular em conexão com o jazz, emergiu um teatro renovador, a literatura forte, a arquitetura ousada e moderníssima. Tudo isso parou no tempo na medida em que a UDN de Jânio Quadros chegou ao poder para exercê-lo apenas por sete meses. Numa manhã de agosto, Jânio Quadros arrumou as malas e foi-se embora para a Europa deixando atrás de si uma crise política que tirou o País dos trilhos constitucionais. Significativamente, João Goulart estava na China e os militares viam nele um comunista. Ele só tomaria posse se o regime parlamentarista fosse implantado no Brasil.

Negociava pelos militares, o General Ernesto Geisel. Pelos políticos, o Deputado Tancredo Neves. Ironias da história. Tancredo Neves foi a Montevideo, onde estava Jango, e lhe disse: o Sr. poderá tomar posse tranquilamente se aceitar o parlamentarismo. Caso contrário, o Sr. também poderá tomar posse na crista de uma revolução sangrenta com desfecho imprevisível. O parlamentarismo foi aceito tendo como Primeiro ministro Tancredo Neves. Entre seus ministros estavam Ulysses Guimarães, Franco Montoro e Virgílio Távora. A solução, no entanto, foi precária e durou pouco. Veio o presidencialismo no final de 1962 e pouco mais doze meses depois os militares estavam ocupando o Palácio do Planalto. O chefe do Gabinete Militar do presidente Castello Branco era o general Ernesto Geisel. Tancredo Neves que não votou no general para presidente (o voto foi aberto numa sessão do Congresso Nacional transformado em Colégio Eleitoral) fez um apelo para que JK não votasse no presidente militar. Mas JK votou a favor na expectativa de que fosse mantida a eleição presidencial em 1965 e ele retornasse ao poder.

Tancredo Neves caiu no mais profundo mutismo. Ficou dez anos calado e só voltou a abrir a boca quando se candidatou ao Senado Federal em 1974. Coincidência ou não, naquele ano o general Ernesto Geisel chegou à presidência da República. Antes, JK foi casado, amargou um exílio humilhante que lhe arrancava lágrimas de saudades do Brasil — conforme narram os interlocutores nas memórias de seu exílio vivido em boa parte nos Estados Unidos. Em 1976, JK faleceu num desastre de automóvel na rodovia Rio-São Paulo. Seu tempo já tinha terminado quando os militares interviveram na política e sua morte extinguia o personagem singular da política brasileira. O Brasil morreu um pouco naquele acidente rodoviário — que acabou com a ingenuidade nacional.

A trama da história colocou Tancredo Neves sozinho diante da tarefa de derrubar o regime contra o qual ele havia lutado no inicio da década de sessenta. Com paciência, articulação e sabedoria política, o mineiro simpático venceu. Ele, um profissional de seu mister, não poderia perder para os amadores. Venceu e morreu, depois de uma longuissima agonia, permeada por sete intervenções cirúrgicas. Ele, como JK, legou ao Brasil um País diferente. O Brasil do presidente Sarney não tem qualquer semelhança com o País de dois ou três anos atrás. E nesta história brasileira de tantas ironias e tamanha amargura, plena de mistérios insondáveis, o presidente eleito, que foi acometido de um mal no dia de sua posse, morreu em pleno 21 de abril — o dia de Tiradentes, o herói enlouquecido de esperança. Ele também foi um herói enlouquecido de esperança. Brasília, que completa 26 anos no dia 21 de abril, tem maturidade, experiência e amargura. Tem história. A cidade é, de fato, o símbolo da esperança porque aqui vida e morte, esperança e desespero se misturaram na luta pela modernidade e pela democracia.